



Em “**Eu apenas
queria que
você soubesse**
– Sandra
Pêra canta
Gonzaguinha”,
artista revisita
a obra do
compositor
em espetáculo
dirigido pela
filha Amora
Pêra.
Página 16

A black and white photograph of Sandra Pêra singing into a microphone. She is wearing a dark, patterned dress and has her hand on her chest. The background is dark with stage lights visible.

Legado de *Gon za guinha*

Amigo é coisa pra se guardar... num disco lindo

Aos 80 anos, João Bosco chama a nata da MPB e novos talentos para redesenhar seus clássicos

AFFONSO NUNES

João Bosco abre e fecha o disco com a mesma canção. “Odilê Odilá”, em dueto com Martinho da Vila. É a moldura perfeita para “Amigos Novos e Antigos” (Som Livre), álbum com 17 faixas que o cantor e compositor lança completo nas plataformas digitais nesta sexta-feira (25). No intervalo entre as duas versões, o músico recebe Chico Buarque, Caetano Veloso, Ivete Sangalo, Zeca Pagodinho, Tiago Iorc e mais uma dezena de convidados, antigos companheiros de estrada e nomes de gerações que cresceram ouvindo suas canções. É a primeira vez, em mais de cinco décadas de carreira, que o artista grava um álbum concebido a partir de encontros com tantos convidados. Por isso o título deste texto parafraseia em parte os versos de “Canção da América”, de Milton Nascimento e Fernando Brant - uma dupla de autores tão potente quanto João Bosco e Aldir Blanc.

A primeira parte do projeto saiu em julho, com seis faixas adiantadas ao público. Agora chega o disco inteiro. “Chegar aos 80 cercado de pessoas que fizeram parte da minha história e de artistas que continuam levando essa música pra frente é um presente. Este disco nasceu da vontade de agradecer. Cada canção é uma conversa, um abraço, um reencontro”, resume João Bosco, que completou 80 anos em 13 de julho.

O título vem de uma composição sua com Aldir Blanc e sintetiza o espírito do projeto: menos uma coleção de duetos do que um mapa de encontros entre gerações, entre memória e presente, entre compositores e intérpretes. O percurso atravessa momentos marcantes de uma obra que todo o Brasil conhece e tanto admira.

Em “Incompatibilidade de Gênios”, clássico com Aldir Blanc,

João Bosco divide a cena com Chico Buarque num arranjo que conta com o pianista cubano Gonzalo Rubalcaba. Em “Sinhá”, parceria de Bosco com o próprio Chico, é Caetano Veloso quem marca presença. “Nação” recebe o bandolim de dez cordas do amigo Hamilton de Holanda; Cesar Camargo Mariano assina os teclados de “Casa de Marimbondo”; na faixa-título, Bruna Black e Mestrinho representam a nova geração; e “Jade” aproxima Jota.Pê da clarinetista israelense-americana Anat Cohen.

Encontro afetivo é o que não falta ao trabalho. Zeca Pagodinho empresta sua malícia a “Siri Recheado e o Cacete”, parceria com Aldir Blanc lançada originalmente em 1980. Mart'nália põe ginga na

clássica “Kid Cavaquinho”; Tiago Iorc canta “Perfeição”, que Bosco fez com o filho Francisco Bosco; Vanessa Moreno e Jaques Morelenbaum se cruzam em “Memória da Pele”; e Pedro Mariano e Rafa Mariano, pai e filha, assumem “O Bêbado e a Equilibrista” - o obra-prima da dupla Bisco e Blan, imortalizada na vez de Elis Regina, mãe de Pedro e avó de Rafa. A faixa foi gravada em São Paulo, com produção do tecladista Marcelo Maita e acompanhamento da banda de Pedro Mariano. Levantamento do Ecad publicado em julho, por ocasião do aniversário de 80 anos do compositor, aponta “O Bêbado e a Equilibrista” como a música de sua autoria mais tocada e regrava no país.

Há ainda espaço para o encontro consigo mesmo. “Boca de Sapo”, composição de 1979, aparece sem convidado, reafirmando a força singular de sua interpretação tanto na voz quanto na batida de seu violão em que cana toda uma escola de samba. Silva canta “Papel Machê” e Ivete Sangalo assume “Corsário”. Ao longo do disco, a presença de Aldir, parceiro de mais de uma centena de canções, ressurge com força, beleza e novidades.

O resultado deve muito aos arranjos e à produção musical do trombonista Rafael Rocha, um dos expoentes da nova geração de músicos brasileiros, que rdenehou todas as canções do repertório, preservando sua identidade, mas abrindo novas possibilidades de interpreta-

ção. O projeto visual é do fotógrafo Victor Corrêa e de João Ferro, em parceria com Julia Bosco, filha do artista, que assina também como produtora executiva.

“Essas músicas nunca foram minhas apenas. Desde que nasceram, passaram a pertencer às pessoas. Agora voltam diferentes, carregando as histórias de quem as cantou, ouviu, gravou e viveu com elas. Acho bonito ver uma canção continuar mudando sem perder sua essência”, destaca João Bosco.

Toda essa lindeza de repertório poderá ser conferida no próximo fim de semana no show de lançamento do álbum, no dia 2 de outubro, no Qualistage, com as participações especiais de Hamilton de Holanda e Tiago Iorc.



Victor Corrêa/Divulgação



Chico Buarque, Caetano Veloso, Zeca Pagodinho, Mart'nália, Ivete Sangalo, Jota.Pê, Martinho da Vila, Hamilton de Holanda, Tiago Iorc, Jaques Morelenbaum, Bruna Black e Vanessa Moreno são apenas alguns dos convidados de João Bosco para gravar o álbum

Mais um capítulo da montanha russa

Alê Catan/Divulgação

Zélia Duncan leva ao Vivo Rio as canções de 'Agudo Grave', seu novo álbum de inéditas, em show mesclado de momentos marcantes de uma discografia marcada pela diversidade e integridade artística

AFFONSO NUNES

Zélia Duncan sobe ao palco do Vivo Rio nesta sexta-feira (25) para apresentar "Agudo Grave", o show de lançamento de seu 21º álbum e o primeiro inteiramente inédito em cinco anos, lançado em maio pelo selo Duncan Discos. "Apesar de tanto tempo e de tantas músicas, continuo procurando lugares onde nunca fui. O show 'Agudo Grave' vai falar justamente desse desejo de seguir adiante, sempre revendo o lugar de onde eu vim. É uma mistura do desafio com o caminho já percorrido", resume a cantora.

Zélia assina a direção do espetáculo com Simone Mina, responsável também pelo cenário. A direção musical é de Maria Beraldo, produtora e arranjadora do disco e uma das participações especiais da gravação ao lado de Lenine e Alberto Continentino.

"Agudo Grave" celebra os 45 anos de carreira de Zélia com o que a própria artista define como uma discografia feita de "montanha russa por escolha". Álbuns pop coadunados de hits radiofônicos ("Zélia Duncan", 1994; "Sortimento", 2001; "Pré Pós Tudo Bossa Band", 2004) convivem com a garimpagem de "Eu me transformo em outras" (2003), com mergulhos na vanguarda paulista de Itamar Assumpção ("Tudo esclarecido", 2012), Luiz Tatit ("Tõtatiando", 2015) e Alzira E. ("Minha Voz fica", 2021), com o samba de "Antes

do mundo acabar" (2015), o repertório de Milton Nascimento gravado com Jaques Morelenbaum ("Invento mais", 2017), a parceria com Simone ("Amigo é casa", 2007) e o minimalismo pandêmico de "Pele-sírito" (2021), feito com Juliano Holanda.

Escolhida para produzir e arranjar o novo trabalho, Maria Beraldo é cantora, compositora e instrumentista de sólida formação - assina dois discos aclamados pela crítica - "Cavala" (2018) e "Colinho" (2024, indicado ao Grammy Latino) - e transita no álbum do pop ao folk, do rock ao choro canção, em arranjos que dão espaço à voz de Zélia e à força das canções.

A parceria rende duetos memoráveis, como em "Voz", de sua autoria com a anfitriã, cantada pelos dois sobre o violão solo de João Camarero: "Minha voz é hoje / meu corpo é estrada toda / mi-

nha voz é hoje / minha pele são as curvas todas / minha voz é hoje / minha dor é ontem / e as cicatrizes todas cantam por mim".

São 11 faixas em 38 minutos, gravadas no Estúdio do Tó, em São Paulo, entre setembro de 2025 e janeiro de 2026, com engenharia de Tó Brandileone, mixagem de Ricardo Mosca e masterização de Carlos Freitas. O repertório costura quatro linhas de força. Em "E aí, IA?", parceria com Alberto Continentino, Zélia olha nos olhos da máquina para perguntar "e aí, IA?" - quase uma reedição do "E agora, José?" drummondiano no espírito do tempo, enquanto "Olhos de cimento" (com Pedro Luís) clama por gente e "semente para humanizar robôs" num mundo em que "a solidão viralizou". "Meu plano", feito com Ná Ozzetti, propõe ser "bicho solto e ser humano".

O amor aparece sereno em

"Canções de amor em paz": "Importante", dedicada a Flavia Pedras, companheira de Zélia e diretora de arte do disco, e "Calmo", parceria com Zeca Baleiro, soam como toadas atemporais, com direito a "amor Caymmi" e cavaquinho de Rodrigo Campos; "Resolvidinho", com Juliano Holanda, canta o trisal perfeito - "eu, você e Freud, com tudo resolvidinho". Já "Maravilha disforme", dueto com Lenine, enumera oxímoros que comovem desde o primeiro verso: "O sólido que escorre / o dia que não corre / o eterno que termina / o ontem que tem pressa / a maravilha disforme". A espinha dorsal do disco fica por conta de "Agudo Grave", com Lucina - "Sinto agudo e canto grave / no meu pequeno intenso mundo" -, e do encerramento, "Que tal o impossível?", de Itamar Assumpção, que reúne todos os músicos do álbum e termina com a voz falada

“Apesar de tanto tempo e de tantas músicas, continuo procurando lugares onde nunca fui”

ZÉLIA DUNCAN



de Zélia enunciando o título, sem acompanhamento.

No palco do Vivo Rio, Zélia é acompanhada por Antonio Loureiro (bateria), Fabio Sá (baixo), Aline Gonçalves (flautas e clarinete), Amanda Camargo (piano) e Ciro Bellucci (violões). O roteiro põe as novidades - "Agudo Grave", "Pontes no Ar", com Alberto Continentino, e "Maravilha Disforme" - em diálogo com obras que já fazem parte da trajetória da cantora. A estreia nacional do show aconteceu no Sesc Pinheiros, em São Paulo, entre os dias 4 e 7 deste mês.

SERVIÇO

ZÉLIA DUNCAN - AGUDO GRAVE

Vivo Rio (Av. Infante Dom Henrique, 85, Parque do Flamengo) | 25/9, às 21h
Ingressos a partir de R\$ 120 e R\$ 60 (meia)



AFFONSO NUNES

O Circo Voador recebe neste sábado (26) o Ave Sangria, grupo pernambucano fundado em 1974, que sobe pela primeira vez ao palco da lona. Na mesma noite, tocam os paraibanos Papangu, que apresentam em primeira mão o novo álbum “Celestial”, e Zepelim e o Sopro do Cão, que abre os trabalhos.

Pioneiro na fusão do rock com ritmos regionais — a imprensa da época os chamava de “os Rolling Stones do Nordeste” —, o grupo nasceu da dupla de compositores Marco Polo e Almir de Oliveira, na Vila dos Comerciantes, região pobre do Recife. A formação que gravou o disco de estreia, em 1974, tinha Marco Polo nos vocais, Ivson Wanderley (guitarra solo e violão), Paulo Rafael (guitarra base), Almir (baixo), Israel Semente (bateria) e Agrício Noya (percussão). A faixa “Seu Valdir” foi vista pelos órgãos repressivos como “incentivo à homossexualidade”, que bastou para o álbum ser recolhido. A gravadora rompeu o contrato, a carreira parou e o disco sobreviveu como relíquia de colecionador, cultuada por uma legião discreta de aficionados da lisergia nacional.

A reparação veio em março deste ano: a Comissão de Anistia do Ministério dos Direitos Humanos reconheceu formalmente a perseguição política sofrida por Marco

Asa cortadas pela ditadura

Anistiada em março, 52 anos após ter disco recolhido, a Ave Sangria faz sua primeira apresentação no Circo Voador em noite com outras duas bandas nordestinas



Perseguida pela ditadura, a Ave Sangria se tornou a primeira banda a ser indenizada pela União

Polo, Almir e Agrício — morto antes da decisão, com o benefício destinado à esposa. O Ave Sangria tornou-se a primeira banda anistia-

da no Brasil.

Reunidos desde 2014, quando relançaram ao vivo o show histórico de 1974, Marco Polo e Almir

dividem hoje o palco com Júnior do Jarro (bateria), Gilú Amaral (percussão) e Juliano Holanda (baixo).

Na estreia carioca, o grupo pas-

seia pelo álbum homônimo de 1974 e por “Vendavais”, de 2019, gravado ainda com Paulo Rafael, que se tornaria guitarrista da banda de Alceu Valença e morreu em 2021. Nesta estreia na Lapa, o grupo passeia pelo álbum homônimo de 1974 e por “Vendavais”, de 2019.

Já o Papangu chega em ascensão. Captado em Berlim após a primeira turnê internacional, “Celestial” entrelaça rock progressivo, MPB, metal extremo, zeuhl, ciranda e forró numa tapeçaria inspirada em rituais de proteção do corpo e do espírito — e numa recusa à adoção desenfreada da “inteligência artificial”. Formada por Marco Mayer (baixo), Hector Ruslan (guitarra), Rodolfo Salgueiro (teclados), George Alexandria (bateria) e Pedro Francisco, coringa entre flauta, saxofone e percussão, a banda de João Pessoa usa equipamentos vintage dos anos 60, 70 e 80 sem cair na nostalgia.

Completa o time nordestino a Zepelim e o Sopro do Cão, formada em 2006, em Campina Grande, por Babu, Dede e Frango. O trio cruza rock nacional dos anos 90, hardcore e rap sobre o sotaque e as vivências do interior paraibano.

SERVIÇO

PAPANGU, AVE SANGRIA e ZEPELIM E O SOPRO DO CÃO
Circo Voador (Rua dos Arcos, s/nº, Lapa)
26/9, a partir das 20h (abertura dos portões)
Ingressos: R\$ 180 e R\$ 90 (meia)

ROTEIRO MUSICAL

POR AFFONSO NUNES

Francis e Olívia Hime: é muito amor reunido

A Acaso Cultural recebe neste sábado (26), às 20h, o show “Dois Franciscos – O Show”, com Francis Hime, Olivia Hime e o violoncelista Hugo Pilger. O repertório percorre a parceria entre Francis Hime e Chico Buarque, com obras como Atrás Da Porta, Trocando Em Miúdos, Vai Passar, Meu Guri e Todo Sentimento, em novos arranjos assinados por Francis.



Leo Aversa/Divulgação

Inimigos do mau humor no Rival Petrobras

O humor e irreverência oitentista dos Inimigos do Rei está de volta com o show “Vem Kafka Comigo” nesta sexta (25), às 19h30, no Teatro Rival Petrobras. No repertório, composições da própria banda, como “Adelaide”, “Uma Barata Chamada Kafka” e “Mamãe Viajandona”, além de canções de outros artistas como “Kátia Flávia” e “Bichos Escrotos”.



Divulgação

Um merecido show-tributo para Lô Borges

As canções de Lô Borges ganham homenagem no show “Simplesmente Lô”, nesta sábado (29), às 19h30, no Teatro Rival Petrobras. No palco, o sobrinho do compositor, Rodrigo Borges (foto), divide a voz com Eduardo Braga, acompanhados por Paulo Emmerly (bateria), João Braga (teclados), Hugo Belfort (guitarra) e Dudi Baratz (baixo), sob direção de Djalma Amaral.



Collah Hora Som

RioHarp Festival fecha programação

O XXI RioHarp Festival encerra-se neste fim de semana no CCBB com concertos gratuitos. Na sexta (25), Julio Cesar Villalta, do Paraguai (12h30); e Luis Castro, da Venezuela (15h). No sábado (26), às 13h, Castro e Camerata Música Viva no concerto ‘Quatro Exercícios de Tai Chi’. No domingo (27), às 13h, tocam a Banda de Gaitas de Foles e Castro; às 15h, o japonês Michinari Usuda.



Divulgação

ARTIGO

LUCAS PADILHA

Secretário municipal de Cultura do Rio de Janeiro

Há uma expressão latina que atravessa a história da arte: horror vacui, o horror ao vazio. Utilizada para descrever a tendência de preencher intensamente uma superfície com formas, ornamentos, imagens e cores, ela encontrou no barroco uma de suas manifestações mais reconhecíveis. No Brasil, porém, o barroco foi além da mera adaptação de uma linguagem europeia, tornando-se parte do processo de construção de uma expressão artística própria.

Mário de Andrade percebeu isso cedo. Antes mesmo da Semana de Arte Moderna de 1922, mergulhou na arquitetura, escultura e pintura coloniais e encontrou no barroco, sobretudo em Minas Gerais e na obra de Aleijadinho, sinais de uma criação brasileira que já não poderia ser compreendida apenas como reprodução dos modelos europeus.

Sua investigação sobre o Brasil, entretanto, ultrapassaria o barroco e as cidades históricas mineiras, atravessando o país, registrando músicas, danças, festas, rituais, objetos, costumes, paisagens e formas de expressão que raramente ocupavam o lugar de patrimônio na concepção tradicional da época.

Mário esteve entre os formuladores das bases da política brasileira de preservação do patrimônio, redigindo, em 1936, o anteprojeto que contribuiu para a criação do então Serviço do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional.

A Lei nº 378 criou o SPHAN e no mesmo ano, o Museu Nacional de Belas Artes. Instituições nascidas da necessidade de construção de políticas de preservação do patrimônio, da arte e da memória no Brasil.

É curioso que, setenta anos depois da Semana de 22, tenha sido uma Escola de Samba do Rio a produzir uma das sínteses mais felizes dessa trajetória. Em 1992, a Estácio de Sá conquistou seu primeiro campeonato no Grupo Especial com o enredo Paulicéia Desvairada — 70 anos de Modernismo. O samba celebrava os artistas que transformaram os conceitos culturais do país e, ao final, reunia duas dimensões fundamentais daquele projeto modernista: “a beleza do folclore / e a riqueza do barroco nacional”.

O verso do samba enredo poderia servir de ponto de partida para uma conversa sobre o Brasil que se realizará, mais de três décadas depois, no Centro do Rio: a Semana de Arte do Rio.

Durante a Semana de Arte do Rio, entre 16 e 27 de setembro, mais de vinte festivais e programações culturais tomarão conta das ruas do Centro. Artes visuais, música, teatro, cinema, literatura, arte pública e outras linguagens ocupam museus, centros culturais, galerias, ruas e edifícios históricos.

A escolha do local não é circunstancial. O Centro do Rio é simultanea-

Horror vacui: os vazios que a arte ocupa



Instagram @cultura_rio

os Arcos da Lapa ganharam iluminação especial durante a Semama de Arte do Rio, que promoveu ações gratuitas em museus, galerias, teatros, centros culturais e espaços públicos

mente carioca e nacional. Foi capital do país, guarda instituições que contam a formação do Estado brasileiro e, ao mesmo tempo, permanece atravessado pelo cotidiano da cidade, pelo comércio popular, pelo samba, pelas manifestações religiosas, pela vida da rua e pela diversidade.

E o Museu Nacional de Belas Artes é um dos pontos centrais da programação da Semana de Arte. Há no Museu uma sinergia com o pensamento de Mário de Andrade: reconhecer o Brasil implica olhar além das categorias consagradas e incorporar diferentes territórios, linguagens e sujeitos. É nesse contexto que, no hall do museu, a ideia de horror vacui

ganha uma tradução bastante concreta.

No hall de entrada existem duas grandes molduras. Vazias. Durante a Semana de Arte, elas são ocupadas por dois trabalhos realizados diante do público.

Uma delas será preenchida por Isabela Seifarth, artista do Recôncavo Baiano, cuja pesquisa aproxima diretamente a experiência contemporânea da Bahia da tradição barroca brasileira. Isabela observa feiras, bares, festas, casas e barbearias como espaços em que cores, objetos, pessoas, imagens religiosas e elementos cotidianos se acumulam e constroem uma unidade. Em sua obra, essa profusão deixa de ser apenas uma

característica formal e se torna uma maneira de pensar o país.

Na segunda moldura do hall, outro mural estabelecerá uma conversa com essa história. O coletivo NEGROMURO realizará uma homenagem a Mário de Andrade.

A aproximação entre os dois trabalhos é intencional.

De um lado, Mário, que percorreu o país tentando compreender as culturas populares, apresentado por um coletivo dedicado a inscrever na paisagem urbana a memória e a presença de personagens negros fundamentais para a história brasileira. De outro, uma artista contemporânea do Recôncavo Baiano que percebe a permanência desses elementos barrocos: da integração natural do hibridismo, do sensorialismo e da dramaticidade desse barroco na experiência cotidiana.

A ação integra o ARUA, festival dedicado à arte urbana que, nesta edição, celebra os quinze anos do ciclo de grandes murais que ajudou a transformar visualmente a Região Portuária do Rio. Herdeiro da experiência do Walls, o ARUA leva agora essa discussão para dentro de uma instituição museológica nacional.

Entre 16 e 24 de setembro, esta reflexão estará presente em escala mural dentro do MNBA. O público não encontrará a obra pronta. Poderá acompanhar o desenho, as primeiras cores, a sobreposição das figuras e o progressivo desaparecimento do vazio delimitado pela moldura.

Todas essas questões e reflexões atravessarão também no restante da programação do museu. A exposição Abolicionistas Brasileiras, do Instituto Artistas Latinas, recuperará a atuação de mulheres artistas; O Futuro da Memória apresentará novas aquisições incorporadas ao acervo do MNBA; e, na calçada do museu, em frente a fachada principal, a realização de uma intervenção artística nos tapumes temporários que delimitam o canteiro de obras do MNBA, por meio do Inside Out Project, projeto internacional de arte pública criado pelo artista JR, em colaboração com o Frequências Urbanas, a Casa Amarela e artistas da cena urbana carioca.

Há uma coerência entre essas ações. Um museu nacional não existe apenas para conservar o que o passado já consagrou. Sua responsabilidade também envolve rever ausências, incorporar novos artistas, estabelecer relações com a produção de seu tempo e ampliar o conjunto de pessoas que se reconhecem na história que ele conta.

Por isso a imagem das duas molduras vazias é tão sugestiva: uma obra aberta.

Ao longo da Semana, é possível acompanhar aquilo que o Brasil decidirá colocar dentro deles.

A menina que só queria um livro

Encontro vivido por Karen Acioly num sinal de trânsito vira livro e ópera infantil com música original de Arrigo Barnabé

AFFONSO NUNES

N uma tarde chuvosa de 2019 em que voltava para casa, a escritora e dramaturga Karen Acioly parou no sinal ao ver uma menina vendendo mariolas com o irmão. Preocupada, perguntou o que ela precisava — comida, agasalho. A resposta veio seca: “Um livro.” Karen voltou ao apartamento, encheu os braços de títulos, mas, quando regressou ao sinal, a menina havia desaparecido. Vieram a pandemia, o tempo e o desencontro, até que, anos depois, as duas se reencontraram e o pedido foi



Ainda em processo de construção, a ópera baseada no livro 'Larilá' terá leitura dramática com cantores líricos e músicos neste domingo



finalmente atendido.

Aquela troca de poucos minutos, porém, não parou aí: virou literatura e virou música. “Larilá” — nome da menina — é o próximo livro de Karen, que teve pré-lançamento no FIL — Festival Internacional Intercâmbio de Linguagens, e também o título de uma ópera infantil em processo de criação, com libreto e encenação da própria autora e partitura inédita de Arrigo Barnabé. A leitura musicada acon-

tece neste domingo (27), às 17h, no Teatro 1 do Centro Cultural Banco do Brasil.

A história que a ópera conta é a mesma do sinal: o encontro entre Larilá, vendedora de mariolas, o irmão João e um autor de livros infantis. A leitura será feita pelos cantores líricos Guilherme Moreira, Camila Marlière, Manu Percegoni e Arthur Pollard e a suíte instrumental será executada por Maico Lopes (trompete), Whatson

Cardozo (clarinete), Thaís Ferreira (violoncelo), Fabio Adour (violão), Roberto Kauffman (acordeon) e Tiago Calderano (bateria). Guilherme Borges assina a regência e a direção musical. O livro da ópera será lançado durante o ensaio.

A parceria cruza duas trajetórias distintas. Karen Acioly, criadora do FIL, acumula quatro décadas dedicadas à cultura da infância: é autora de títulos como “Chuveiro” e “Fedegunda”, e a coleção Caras e Máscaras rendeu-lhe o selo Altamente Recomendável da Fundação Nacional do Livro Infantil e Juvenil, além de prêmios como o Sharp, o Mambembe e o Maria Clara Machado. Arrigo Barnabé é o compositor de “Clara Crocodilo” (1980), disco fundador da chamada Vanguarda Paulista, feito de dodecafonias e contos urbanos musicados — agora a serviço de uma menina de sinal que só queria ler.

“Larilá” integra a programação da 23ª edição do FIL, que ocupa o CCBB até domingo e que faz parte da vasta grade da 1ª Semana de Arte do Rio.

SERVIÇO

LARILÁ

Teatro 1 do CCBB RJ (Rua Primeiro de Março, 66, Centro) 27/9, às 17h
Ingressos: R\$ 30 e R\$ 15 (meia)

O nascimento da ópera trágica

Monteverdi e a tragédia de Tancredi e Clorinda chegam à Grande Galeria do MNBA no projeto Ópera Aberta

Os versos são de Torquato Tasso: no Canto XII da Jerusalém libertada, o cavaleiro cristão Tancredi trava duelo mortal com um guerreiro sarraceno — que descobre, tarde demais, ser a mulher que ama, Clorinda. É essa cena que Claudio Monteverdi transformou em música em 1624, estreada no Palazzo Mocenigo, em Veneza.

“O Combattimento di Tancredi e Clorinda”, considerado marco do madrigal representativo e do nascente gênero operístico, cumpriu quatro séculos de estrada e chega à Grande Galeria do Museu Nacional de Belas Artes (MNBA) que, em parceria com o Theatro Municipal, apresenta o projeto Ópera Aberta. A montagem dialógica com as esculturas em aço de Siwaju Lima expostas naquele espaço. A última apresentação é neste sábado (26), às



19h, com entrada franca.

A obra é referência na história da música por outro motivo: ali Monteverdi criou o stile concitato, o estilo agitado que traduzia em

som o conflito bélico — com inovações como o tremolo de cordas e o primeiro uso documentado do pizzicato, recursos que a música de orquestral adotaria para sempre.

Escrita para três vozes solistas e narrador, a partitura condensa em cerca de vinte minutos a tensão de uma guerra santa.

Formada em Artes Visuais pela

Uerj, com passagem pelo Parque Lage, Siwaju Lima investiga a relação entre tempo, matéria e ecologias a partir de peças de metal doadas, coletadas e recicladas — a mesma matéria da cidade que resiste, enferruja e se transforma. A série Supersônico, exibida ao lado da performance, aproxima aceleração e geração: corpos atravessados por forças.

A Ópera Aberta integra a 1ª Semana de Arte do Rio, que ocupa a região central da cidade até domingo (27). (A. N.)

SERVIÇO

IL COMBATTIMENTO DI TANCREDI E CLORINDA

Museu Nacional de Belas Artes (Av. Rio Branco, 199, Centro) | 26/9, às 19h | Grátis, com senhas distribuídas a partir das 18h30 no acesso principal do museu

CRÍTICA TEATRO | ALTA SOCIEDADE

POR CLÁUDIO HANDREY - ESPECIAL PARA O CORREIO DA MANHÃ

Elite descontrolada

Um dos nossos maiores dramaturgos e precursor do teatro besteirol, Mauro Rasi aprimorou o teatro brasileiro no final do século passado com obras extraordinárias como “A Cerimônia do Adeus”, um de seus textos mais elaborados. E agora, Amanda Jordão destaca-se ao atualizar esse fenômeno do autor, sem arranhar sua espinha dorsal. A semelhança com a hipocrisia de uma elite vigente impressiona, tendo em vista a criatividade de revitalizar a obra, inoculando citações, falcatuas, peripécias, espelhando a putrefação da sociedade brasileira.

A comédia expõe um casal milionário falido em seu apartamento no Chopin – edifício da elite tradicional carioca, na noite do réveillon, desesperados para escapulir da Polícia Federal, armando uma fuga anedótica do país. Criações e aprimoramentos dramaturgicos são aplicados ao mencionarem crimes burgueses, sonegação fiscal, a prisão do ex-banqueiro Daniel Vorcaro, a decepção da filha ter estudado no Sacré-Coeur em Paris, mas acaba nua num carro alegórico da Grande Rio, o desprezo da música que entra pelo ralo, como “A Peste”, de Camus, e por aí vai disparando situações hilariantes.



Orã Figueiredo e Júlia Lemmertz vivem casal de milionários falidos que tentam escapar da Polícia Federal em pleno réveillon

Atuando em personagens autobiográficos urdidos por Rasi, Emílio de Mello afina-se com a dramaturgia e conduz com expertise a montagem. Parece haver uma boa química entre direção e atores, em que o jogo flui espontânea e satisfatoriamente, mas vale pontuar que alguns momentos o espetáculo deflagra uma certa histeria, nada que desestruture a orientação eficaz, pela qual é instituída ritmo ajustado. A cena ao entrarem em pânico quando ele

rasga o Proust e o Valentino dela, ao passo que ela destrói seu Machado de Assis atirando longe o Piazzola e o Stravinsky dele, é um deleite. A direção possibilita um compartilhamento sensorial incisivo e um descontrole patético daquela ruína moral, valorizando a escrita rasiana. Júlia Lemmertz trafega com sabedoria, desenhando sua Sylvia com extrema elegância, uma afetação na medida certa, sem enfatizar o que a bela dramaturgia já impõe. Orã Figueiredo

fabrica rusticidade, o que contrapõe o refinamento daquele universo, gerando humor. O ator deve ficar atento aos gritos, que por vezes são demasiados. Os atores divertem-nos num jogo bem articulado. Chris Aizner ambienta o espaço com uma estrutura revelando luxo e decadência, com um janela para o mar de Copacabana e apenas um Pollock que restou das posses. O figurino, adequado e jocoso, de Karen Brusttolin, reverbera saia ampla,

casaco volumoso, com veludo, seda, jacquard, com tecidos encorpados e estampados, reforçando aristocracia e riqueza tradicional. A paleta de preto, creme, vermelho, vinho, azul-petróleo e dourado reflete poder e sofisticação. A luz de Tomás Ribas e Elisa Tandeta é funcional. “Alta Sociedade” satiriza os excessos e falhas de caráter elitistas, convidando-nos à reflexão sobre a escassez de cidadania e ética, pelas quais o país chafurda cada vez mais!

NA RIBALTA

POR **AFFONSO NUNES**

Carol Campos/Divulgação



O último improviso

Caio Blat e Pedro Henrique Müller protagonizam “Subversão Kafka”, em cartaz até domingo (27) no Teatro Prio. Na trama, artistas remanescentes de uma falida companhia de teatro de variedades montam o último espetáculo, cuja estrela é Josefina, uma rata cantora. O público, formado por ratos, aguarda a diva, que demora a entrar em cena, obrigando os atores a improvisar para conter a ansiedade da plateia. E homenageiam figuras da companhia, como um trapezista que jamais desceu do trapézio e um jejuador rejeitado pelo público.

João Caldas/Divulgação



Dalva, a estrela

Soraya Ravenle protagoniza o musical “Dalva, Minha Estrela”, de Renato Borghi, em cartaz no Teatro Claro Mais, em Copacabana, até domingo (27). A atriz, que começou a carreira no coro de “A Estrela Dalva” (1987), sucesso de Borghi com Marília Pêra, encarna agora a própria “rainha do rádio”. Ivan Vellame dá voz aos amores de Dalva de Oliveira, com destaque para o compositor Herivelto Martins, revivendo os sambas imortais e os conflitos tornados públicos da turbulenta relação do casal durante a era de ouro do rádio.

Nana Moraes/Divulgação



Convivência forçada

Dirigida por Guilherme Piva, a peça “Visitando o Sr. Green” encerra neste domingo (27) sua temporada no Teatro Vannucci. Um acidente de trânsito aproxima o velho e solitário judeu ortodoxo Sr. Green e Ross, executivo de 29 anos considerado culpado pelo juiz Kruger. A sentença determina que o jovem preste serviço comunitário junto à vítima, uma vez por semana, ao longo de seis meses. Toda a ação se passa no apartamento do senhor, onde os móveis parecem intocados desde que foram adquiridos.

SEXTOU! UM DF DE

CONFIRA ATRAÇÕES CULTURAIS EM TODAS AS REGIÕES DA CIDADE

EXPOSIÇÃO

Sob os Pés do Mundo

✱O projeto Sob os Pés do Mundo: Arte e Inclusão, do artista visual, sociólogo e pesquisador italiano Flavio Marzadro, realiza sua segunda edição em Sobradinho. A mostra reúne 15 quadros táteis produzidos a partir de oficinas com cerca de 80 estudantes e vivências com quatro pessoas com deficiência. As obras têm títulos em Braille, letras ampliadas, audiodescrição por QR Code e paisagens sonoras. A exposição será aberta no Teatro de Sobradinho, com visitação gratuita de 3 de outubro a 2 de novembro.

II Festival Galeria Aberta

✱O II Festival Galeria Aberta: Arte da Terra segue em cartaz no Jardim Botânico de Brasília até 30 de setembro. A mostra reúne seis instalações inéditas de Adriane Kariú, Coletivo Vaga-mundo, Daisy Barros, Nina Coimbra, Patricia Bagniewski e Valéria Pena-Costa, criadas para dialogar com elementos do Cerrado. Como última ação, Patricia Bagniewski conduz visita orientada neste domingo (27), às 11h. A atividade é gratuita e não exige inscrição prévia.

“O que Nos Habita”

✱A exposição “O Que Nos Habita – Uma Cartografia Afetiva de Daniel Toys” entra na reta final no Espaço Cultural Renato Russo, na 508 Sul. Com obras que transitam entre o grafite e a arte contemporânea, a mostra aborda identidade, pertencimento e memórias. A visitação é gratuita e segue até 27 de setembro, de terça a domingo, das 10h às 20h, conforme o funcionamento do espaço.

“Aí A Porta Abriu”

✱A Galeria Risofloras, na Praça do Cidadão, em Ceilândia, recebe de 16 de outubro a 10 de novembro a exposição “Aí A Porta Abriu”, primeira individual do artista Feio Franq, com curadoria de Ana Flavia Garcia. A mostra reúne fotografias, máscaras, materiais reaproveitados, berrantes e experiências de montagem, nas quais o público poderá criar personagens com tecidos, maquiagem e outros elementos.

FESTIVAL

Festival Blues no Mirante

✱O Mirante do Alto, em Alto Paraíso de Goiás, recebe de 24



Em sua segunda edição, projeto chega a Sobradinho

Cristiano Costa



Vitor Mesquita

Meriele reverencia Marinês e Anastácia

a 27 de setembro a 2ª edição do Festival Blues no Mirante. A programação reúne blues e rock em um cenário a 1.480 metros de altitude, com vista para o Cerrado. O evento terá shows de Jasmin Villar, Gui Primitivo, Paula Nunes & Mari Coelho, tributo a Led Zeppelin e Barto Blues, além de estrutura com lounges.

SHOW

Meriele reverencia Marinês

✱O Clube do Choro de Brasília recebe em 8 de outubro, Dia do Nordeste, o show “Cheguei pra Ficar: Um Tributo a Marinês

e Anastácia”. A cantora e percussionista pernambucana Meriele, acompanhada do grupo Sua Gente, revisita obras das duas artistas que marcaram a história do forró. O repertório inclui “Cheguei pra Ficar”, “Eu Só Quero um Xodó”, “Tenho Sede” e “Sanfona Sentida”.

Rony Meolly

✱O cantor e produtor Rony Meolly encerra nesta sexta-feira (25) a temporada da “Sala de Rock”, no Hidden Brasília, no SIG. O projeto coloca a banda no meio do público e apresenta releituras de clássicos do pop,



Divulgação

Últimos dias para conferir a exposição “O que Nos Habita”

MPB, axé e soul com arranjos de guitarra. A noite terá participação de convidados especiais e começa às 19h. O couvert custa R\$60. A organização recomenda chegada antecipada ao local.

Divas do Samba

✱O Festival Divas do Samba ocupa a CAIXA Cultural Brasília nos dias 26 e 27 de setembro, das 14h às 20h, com shows, feira de artesanato, roda de conversa e ações de acessibilidade. A entrada é gratuita, com retirada de ingressos pelo Sympla. A programação reúne DJ Cxxju, Regional Severinas, Samba da

Passarinha, DJ Savana e Choro Delas, além de participações especiais. O evento terá feira com 10 marcas lideradas por mulheres e Espaço Acolher para pessoas neurodivergentes. A programação também inclui atividades formativas e de sustentabilidade.

CINEMA

“Rio de Versos”

✱O CineClube Mapati exhibe nesta sexta-feira (25), às 19h30, o documentário Rio de Versos, dirigido pelo cineasta Peninha. A sessão será no Espaço

OPÇÕES DE LAZER

POR REYNALDO RODRIGUES / CORREIOCULTURALDF@GMAIL.COM



Paula Carrubba

Sorriso da Rua celebra circo e diversidade



Eduarda Hesketh

Quase Normal entra em cartaz na Cidade dos Bonecos



Alice Lira

5º Teatro é Popular promove espetáculos e exposição



Jean Peixoto

Últimos dias do II Festival Galeria Aberta



Marcus Xavier

Sesc Ceilândia recebe monólogo "Senhora P"

Cultural Mapati, na Asa Norte, e apresenta a história literária de Corumbá de Goiás a partir das trajetórias dos escritores Benedito Odilon, Erico Curado, José J. Veiga e Bernardo Élis. A produção reúne memórias, documentos e diários para retratar a produção cultural da cidade. A entrada é gratuita, mediante retirada antecipada de ingresso pelo Sympla.

TEATRO

"Senhora P"

✳O espetáculo Senhora P será apresentado gratuitamente em 28 e 29 de setembro, no Teatro Newton Rossi, do Sesc Ceilândia. Primeiro monólogo da atriz e diretora Adriana Lodi, a montagem aborda diferentes formas de violência contra as mulheres a partir da trajetória de uma professora envolvida

em memórias, ficção e um interrogatório sobre um crime. As sessões ocorrem às 15h, para escolas, e às 20h, abertas ao público. A programação inclui ainda uma oficina de experimentação cênica.

5º Teatro é Popular

✳O projeto Teatro é Popular realiza sua 5ª edição de 6 a 9 de outubro, no Complexo Cultural de Samambaia, com programação gratuita e classificação livre. O grupo Mamulengo Fuzuê apresenta oito sessões dos espetáculos Benedito, Abençoado e Bendizado e A Chegança da Burrinha Calunga. O espaço também recebe a Exposição Mamulengo Patrimônio Brasileiro, com bonecos e adereços de mestres e brincantes. A programação terá Libras e audiodescrição em sessões específicas.

Quase Normal

✳O musical Quase Normal, adaptação de Next to Normal, da Broadway, será apresentado de 25 a 27 de setembro no Espaço Cidade dos Bonecos, no Gama. A montagem acompanha uma família atravessada pelo transtorno bipolar da mãe e aborda relações familiares e saúde mental. Com direção artística de Paula Hesketh, o espetáculo tem sessões na sexta, às 19h30, sábado, às 20h, e domingo, às 18h. A entrada é gratuita.

Circo e diversidade

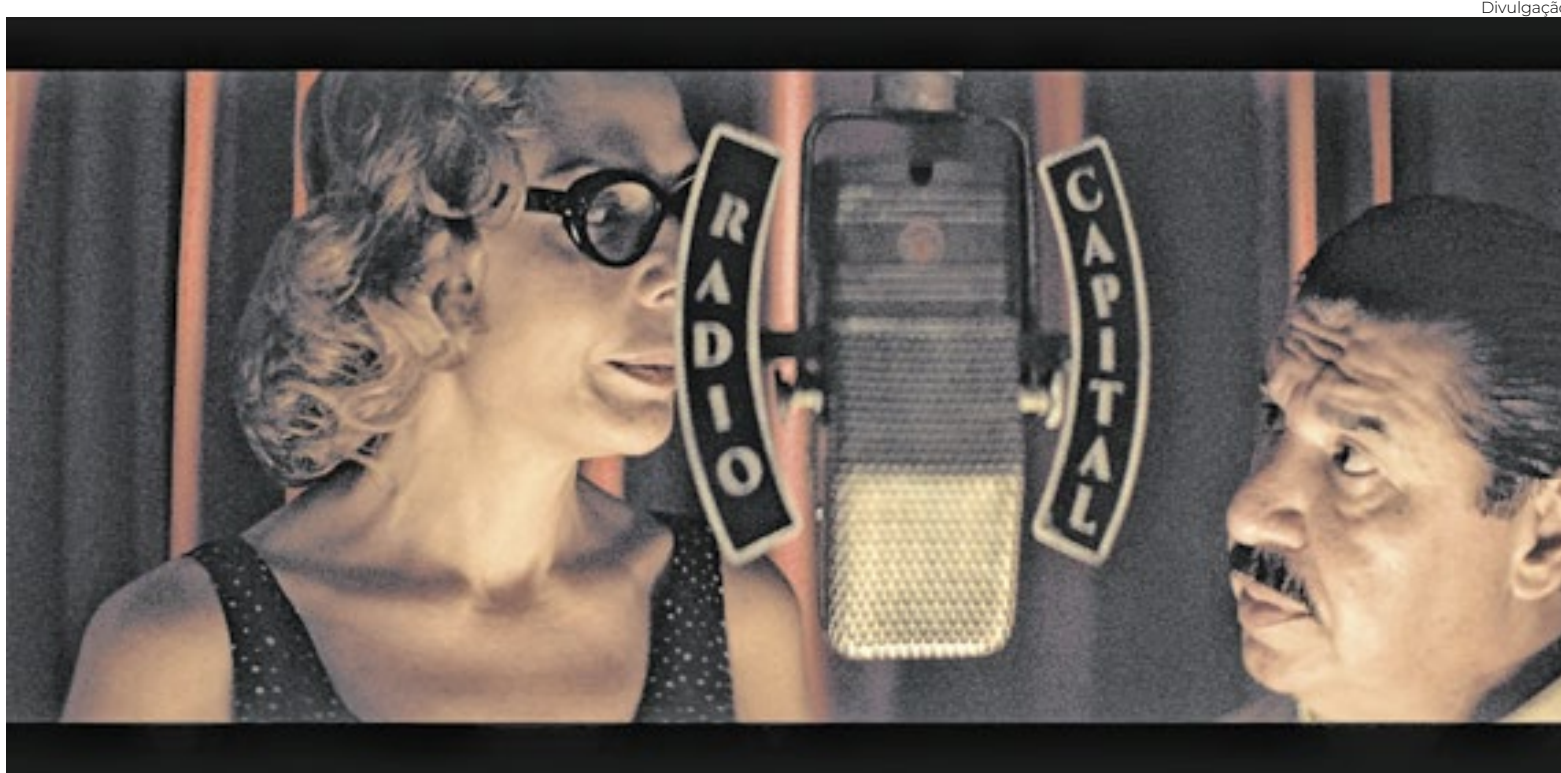
✳O 2º Festival de Circo, Palhaçaria e Diversidade – Sorriso da Rua ocupa o estacionamento da Administração Regional de Sobradinho II de 25 a 27 de setembro. Com entrada gratuita e classificação livre, a programação reúne espetáculos de circo,

palhaçaria, música, DJs, cortesijos, cabarés e feira de economia criativa. O evento também terá o Parque Diversom, com brinquedos interativos, e recursos de acessibilidade. As atividades começam às 18h na sexta-feira e às 16h no sábado e domingo.

"A TRAVESSIA"

✳O espetáculo "A TRAVESSIA - UMA REALIDADE FICCIONAL" reestrea em Brasília nos dias 23 e 24 de outubro, na Sala Plínio Marcos do Eixo Cultural Ibe-

ro-Americano. Com direção e dramaturgia de Juana Rondon, a produção parte da experiência real de uma caminhada de 240 km pelo Rio Grande do Sul, percorrida em sete dias. A montagem mistura dança, teatro físico, projeções e realidade virtual para abordar limites, rotina e os efeitos da aceleração do cotidiano. As sessões são gratuitas e ctm debates e os ingressos podem ser retirados pelo Sympla ou no local, conforme lotação.



A cultura latina do rádio mobiliza 'Narciso', que estará no Festival do Rio e fecha os Horizontes Latinos de San Sebastián

Com a palavra (e a imagem) o Paraguai



Premiado em Berlim, 'Narciso' encerra Horizontes Latinos de San Sebastián num ano de força paraguaia e de destaque brasileiro na disputa

RODRIGO FONSECA

Especial para o Correio da Manhã

A vitória de "Narciso" no Prêmio da Crítica da 76ª Berlimale, em fevereiro, colocou o Paraguai novamente nos radares cinéfilos internacionais e agora leva Marcelo Martinessi a fechar, nesta semana, a competitiva Horizontes Latinos do 74º Festival de San Sebastián. São 12 concorrentes ao prêmio da seção, num canteiro latino-americano em que se destacaram o mexicano "Moscas", de Fernando Eimbcke, hoje disponível na plataforma MUBI no Brasil, e o chileno "La Perra", de Dominga So-



'Sob a bandeira, o sol' foi exibido em Donostia em 2025 e passou no Rio, no festival Filmambiente



'EAMI', de Paz Encina, venceu o Festival de Roterda de 2022 ao falar de mitologias indígenas

tomayor, coproduzido pelo brasileiro Rodrigo Teixeira e com Selton Mello no elenco, a cantar "Agora Aguenta, Coração", sucesso de José Augusto.

Coroado no Festival de Berlim de 2018 com "As Herdeiras", Martinessi voltou à capital alemã este ano com "Narciso" e saiu de lá com a láurea da Federação Internacional de Imprensa Cinematográfica

(Fipresci). Ambientado em 1959, sob a ditadura de Alfredo Stroessner, o filme acompanha um jovem que regressa de Buenos Aires com o rock'n'roll nas veias, torna-se astro do rádio e símbolo de liberdade até aparecer morto depois de sua última apresentação. "Esta história combina memória e política, pois o cinema não pode se afastar do que se passa ao nosso redor, sendo um

caminho para construirmos pontes", disse Martinessi na Berlimale. "Sinto que falamos de um passado necessário para que se possa pensar o presente".

Seu longa estará no Festival do Rio. O avanço paraguaio não começou agora. No ano passado, "Sob as Bandeiras, o Sol" ("Bajo Las Banderas, El Sol"), de Juanjo Pereira, também passou pela Berlimale e tornou-se uma das produções do país de maior circulação internacional recente. Nesta quarta-feira, dia 23, o documentário volta ao Rio de Janeiro como filme de abertura do Filmambiente, às 21h, no Estação Claro Botafogo. Construído a partir de imagens de arquivo raras ou esquecidas, o longa remonta os 35 anos da ditadura de Stroessner e investiga como propaganda, transmissões televisivas e imagens oficiais ajudaram a construir e conservar um regime autoritário.

"O cinema paraguaio vive um grande momento graças à criação da Lei do Cinema no Paraguai, oficialmente chamada Lei nº 6.106, de Fomento ao Audiovisual. A partir daí, tornou-se possível começar a pensar em fazer cinema de maneira mais profissional", disse Juanjo Pereira, por e-mail, ao Correio da Manhã. "Culturalmente, acredito que este país seja um lugar de enorme força narrativa. São muitos anos de repressão que agora começam a vir à luz. No entanto, não é a primeira

vez que o Paraguai aparece no cenário latino-americano. Graças ao trabalho dos primeiros realizadores do nosso cinema, hoje os novos cineastas também podemos ocupar outros espaços, tanto nacional quanto internacionalmente. Acredito ainda que a presença de filmes paraguaios no panorama latino-americano venha preencher uma peça que faltava no quebra-cabeça da nossa região".

Em 2022, nos rastros da pandemia, o Paraguai emplacou outra de suas vitórias internacionais com "Eami", de Paz Encina, em Roterda. O filme, posteriormente exibido no Rio pela Cinemateca do MAM, trança mitologias indígenas ao abordar as lutas dos Ayoreo-Tobiegosode, habitantes do Chaco. "Eles são uma população que quase não se toca, ao contrário de nós. O coração deles está na palavra", disse Paz ao Correio, por e-mail, naquela ocasião.

Foi justamente ela quem, há 20 anos, ajudou a colocar definitivamente o Paraguai no mapa da cinefilia mundial. Em 2006, "Hamaca Paraguaya", delicada experiência narrativa sobre um casal de lavradores à espera do filho, chegou a Cannes e saiu da Croisette com o Prêmio da Crítica da Fipresci. "Ficamos três décadas sem filmar antes do 'Hamaca' e aquele filme chegou quase como um milagre, até para mim", lembrou Paz. Depois vieram títulos capazes de ampliar esse terreno, como "7 Caixas" (2012), de Tana Schémbori e Juan Carlos Maneglia, e "Luna de Cigarras" (2014), de Jorge Díaz de Bedoya.

O desfecho de Horizontes Latinos, porém, pode reservar espaço de honra ao Brasil neste sábado. A recepção em San Sebastián ao thriller mineiro "A Professora de Francês", de Ricardo Alves Jr., colocou o longa entre os títulos brasileiros de maior repercussão da seção. Grace Passô interpreta Graça, professora particular de francês em Belo Horizonte que, após uma emergência de saúde do pai, volta à casa onde cresceu e cai na órbita de vizinhos que comandam uma congregação religiosa disposta a devolvê-la "ao seu lugar". O cotidiano vai adquirindo contornos de pesadelo sob o peso do fanatismo.

Produzido por Thiago Macêdo Correia, Justin Pechberty e Damien Megherbi, "A Professora de Francês" tem roteiro de Germano Melo, a partir de argumento escrito com Ricardo Alves Jr., e põe Grace em cena ao lado da francesa Jehnny Beth, de "Anatomia de uma Queda", no papel de sua namorada, Clara. Elisa Lucinda, Bárbara Colen, Rômulo Braga, Eduardo Moreira, Italo Laureano, Rodger Rogério e Pedro Goifman completam o elenco. Neste sábado, quando o Horizontes Make & Mark distribuir seu prêmio, o cinema mineiro terá, portanto, a possibilidade de fechar com sotaque brasileiro uma competição que "Narciso" encerra reafirmando o Paraguai como uma das cinematografias em expansão no continente.

Produzir, um verbo de incertezas

Fã de ‘Dona Flor’, o inglês s Mike Goodridge, que já produziu de cults a êxitos pop, integra o júri de San Sebastián e avalia o papel estratégico do cinema num tempo de streaming



RODRIGO FONSECA

Especial para o Correio da Manhã

Jurado da disputa pela Concha de Ouro no 74º Festival de San Sebastián, o britânico Mike Goodridge carrega para as deliberações uma experiência que ultrapassa sua aclamada experiência na produção de cults. Ganha a gente na conversa, com sua cinefilia, aberta a temperos de brasilidade: “Quem nesse mundo não ama ‘Dona Flor e Seus Dois Maridos’? Eu adoro”, crava, ao conversar com o Correio da Manhã, mantendo “no sapatinho” os detalhes de seu trabalho com o júri, que é presidido pelo cineasta americano Ira Sachs e conta a com a atriz brasileira Alice Braga.

Crítico e jornalista durante anos, ex-dirigente da Protagonist Pictures e fundador da Good Chaos, em Londres, Goodridge ajudou a levar às telas filmes como “Orphan” (2025), de László Nemes, “Touch” (2024), de Baltasar Kormákur, “Club Zero” (2023), de Jessica Hausner, e “Ballad Of A Small Player” (2025), de Edward Berger, além da franquia “Sisu” (2022-2025). Neste papo em Donostia (nome de San Sebastián no



O produtor Mike Goodridge em sua passagem por Donostia

idioma local, paralelo ao Espanhol, o Eusaka), sua reflexão sobre o ofício ganhou uma dimensão empática em relação ao Brasil ao passar pela memória de Luiz Carlos Barreto (1928-2026), o Barretão, produtor do já citado “Dona Flor”, em 1976 e de “Bye Bye Brasil” (1980), indicado ao Oscar com “O Quatrilho”, em 1996, e “O Que É Isso, Companheiro?”, em 1998.

Nascido em Sobral em 20 de maio de 1928, Barretão morreu no Rio de Janeiro em 22 de julho deste ano, aos 98 anos. A partida do mito nacional da arte de produzir, há exatos dois meses, serviu de ponto de partida para uma conversa sobre o tamanho que o ofício pode assumir para além da obtenção de dinheiro

e da organização de uma filmagem.

Goodridge contesta a ideia de que apenas o realizador seja responsável pela identidade artística de uma obra. “Os festivais europeus criaram uma espécie de fetichização do diretor como único criador de um filme. O catálogo de Cannes nem sequer lista os produtores. Acho isso um pouco insultuoso”, diz. “Os produtores acabam não sendo vistos como pessoas criativas ou como alguém que contribuiu para a história e para o tecido criativo do filme. E isso, evidentemente, não é verdade.”

Se Barretão atravessou mais de seis décadas defendendo um cinema capaz de desenhar uma cartografia do Brasil, Goodridge pertence a

uma época em que a própria geografia da produção se tornou móvel. Britânico radicado em Londres, ele diz não procurar projetos pela nacionalidade. “É o meu gosto. Quero fazer filmes no mundo inteiro. Cresci aprendendo sobre o mundo através do cinema e quero continuar essa tradição”, afirma, citando como referência o recém-falecido produtor Jeremy Thomas (1949-2026), cuja carreira atravessou a Itália, a China, o Japão e os Estados Unidos.

O problema é que o produtor contemporâneo precisa preservar essa ambição num mercado muito mais hostil. Para Goodridge, a disputa com o streaming elevou a responsabilidade de convencer toda uma equipa de que determinado

projeto precisa existir como experiência cinematográfica. “É muito difícil conseguir fazer um filme hoje. É preciso fazer com que todos decidam que aquilo será um filme para o cinema e que as pessoas irão vê-lo. Talvez elas não vão, talvez não funcione, mas o objetivo é criar arte cinematográfica que tenha apelo para o público”, diz.

Esse ônus não termina quando as câmeras param. Goodridge considera roteiro, elenco e montagem peças de uma mesma engenharia e lembra que já viu filmes praticamente nascerem na sala de edição. “Filmar é apenas uma parte. Se o roteiro tem problemas, o filme terá problemas. O elenco e as interpretações são cruciais. E as decisões tomadas na montagem podem mudar tudo, até o tom de um filme.”

Há também uma equação financeira que deixou de funcionar como antes. Segundo ele, as plataformas romperam a antiga cadeia de exploração comercial que levava um longa das salas ao vídeo, à TV paga e, depois, à televisão aberta, criando sucessivas fontes de receita capazes de ajudar no financiamento de novas produções. “O modelo de financiamento e o modelo de distribuição foram irrevogavelmente alterados pelas plataformas. Hoje um filme estreia na Netflix e termina na Netflix. Antes havia uma longa cadeia de receitas. Financiar filmes ficou realmente muito difícil.”

É justamente nesse cenário que Goodridge começa a aproximar-se do cinema latino-americano. Ele é produtor executivo de “Puma”, novo longa da chilena Marcela Said, realizadora de “Los Perros” (2017), com estreia prevista para 2027. A conexão brasileira aparece por outra via: sua companhia desenvolve um longa com o diretor brasileiro Alex Gabassi, radicado em Londres e conhecido internacionalmente pelo trabalho em séries como “The Crown” e “Black Doves”. “Acho que ele é brilhante”, resume Goodridge. Entre a geração de Barretão e a sua, mudou a engenharia económica, mudou a circulação dos filmes e mudou até a ideia de território. O desafio do produtor, porém, continua reconhecível: encontrar condições para que uma história saia do papel sem perder, pelo caminho, aquilo que justificava transformá-la em cinema.

Desfecho à moda belga

Neste sábado (26), depois do anúncio dos vencedores da 74ª edição do Festival de San Sebastián, “Le Faux Soir” encerra a maratona basca com uma sessão fora de competição no Kursaal.

O longa do belga Michaël R. Roskam, que chega à Espanha após sua passagem por Toronto, recupera

um episódio singular da resistência à ocupação nazista: em 1943, quando o tradicional diário “Le Soir” havia sido transformado em instrumento de propaganda alemã, um grupo clandestino reproduziu seu formato e sua identidade visual para espalhar uma edição falsa, recheada de textos que ridicularizavam os invasores.



‘Le Faux Soir’ vem da Bélgica o longa de encerramento do festival basco em 2026

Inspirado no livro “Le ‘Faux’ Soir, 9 Novembre 1943”, de Marie Istas, o filme transforma imprensa e sátira em armas políticas. Roskam, premiado em Donostia pelo roteiro de “The Drop – O Duplo” (2014) e indicado ao Oscar por “Bullhead” (2011), dirige Arie Walthalter, Mélanie Thierry, Karim Leklou, Mara Taquin, Bouli Lanners, Julien Frison e François Damiens nesta produção franco-belga sobre uma operação considerada um dos mais audaciosos atos de sabotagem midiática da II Guerra Mundial. (R.F.)

Brasil nas cordas de 'Bajañí'

Oscarizado na década de 1990, Fernando Trueba volta a San Sebastián com um musical de eixo documental com o violonista Niño Josele a tocar com Caetano Veloso e Marisa Monte



Caetano Veloso arranha um cult dos Beatles para as cordas de Niño Josele em 'Bajañí'

Divulgação

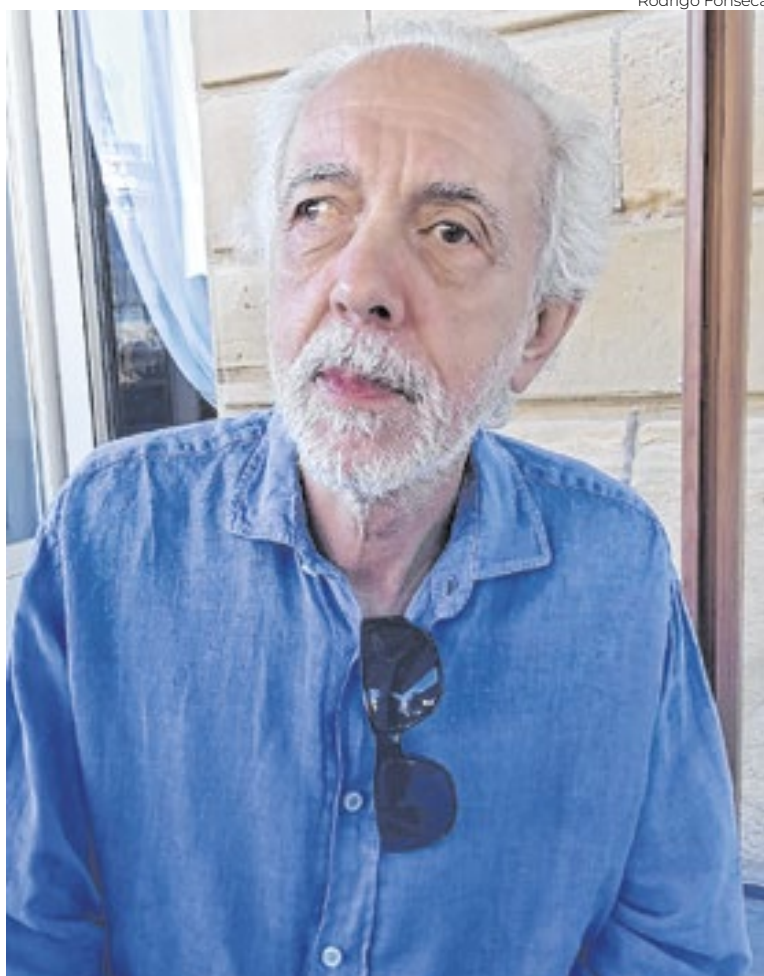


RODRIGO FONSECA

Especial para o Correio da Manhã

Um dos criadores de imagens de maior projeção internacional da Espanha, com uma carreira atravessada por sucessos de crítica e público e por um Oscar, Fernando Trueba regressa ao 74º Festival de San Sebastián com uma longa paixão renovada: filmar a música como experiência cinematográfica. Exibido na seleção oficial do evento (que termina neste sábado, mas fora de competição, "Bajañí" devota cada segundo de seus 112 minutos aos acordes do violonista flamenco Niño Josele.

Faz uma espécie de road movie (ou road guitar) numa viagem pelo jazz, pela melodia cigana e pela música brasileira, com passagens pelo Rio de Janeiro e por São Paulo e encontros com nomes como Caetano Veloso, Marisa Monte, Ron Carter, Rubén Blades e Kenny Barron. É uma nova escala numa filmografia que vai da estatueta de Melhor Filme Estrangeiro de Hollywood por "Sedução" ("Belle Époque"), em 1994, às experiências musicais de "Calle 54" e "Ari-



Rodrigo Fonseca

Trueba recusa a classificação de documentário para 'Bajañí'

raram no Pianista", animação realizada com Javier Mariscal e igualmente apresentada em Donostia.

Trueba recusa, aliás, a definição convencional de documentário para "Bajañí". "Esses filmes meus, como 'Calle 54' ou 'Bajañí', eu resisto a chamá-los de documentários. Eu os chamo de musicais. Não ponho 'um filme de Fernando Trueba'. Ponho 'um musical', mesmo sabendo que o termo musical acabou sendo atribuído a um tipo de cinema que par-

tia dos musicais da Broadway. Mas, na realidade, era um gênero muito teatral", explica o realizador ao Correio da Manhã, num papo regado a café e evocações a Carlinhos Brown, que Trueba filmou em "O Milagre do Candeal", lançado em 2004.

Para esse madrilenho de 71 anos, a imagem precisa abandonar a posição de simples testemunha da performance. "Muitas vezes, quando retratam a música, a o quadro fílmico parece não ajudar em nada na com-

posição estética. Tenho a sensação de que preferia ouvir o disco e não ver a imagem. O que tento fazer, no meu cinema, é o contrário: que a imagem seja solidária, que faça parte, que ajude a ouvir, que ajude a escutar. Não é retratar a música de fora, mas fundir-se com ela, entrar dentro dela."

Essa fusão encontra no Brasil uma de suas zonas mais férteis. Trueba foi produtor de discos de Niño Josele e acompanhou de perto a expansão do universo musical do guitarrista para além do flamenco. Foi também quem lhe apresentou uma extensa discografia brasileira. "Eu funciono com referências culturais, com coisas que li, sei quem é este, quem é aquele. Mas Josele é um intuitivo, não tem essa formação erudita. Passei para ele muita música brasileira e, sem informação nenhuma, apenas ouvindo, ele dizia: 'Radamés'. Radamés Gnattali, um homem que foi compositor de música erudita, popular, jazz, cinema. Ele enlouquecia com isso. Radamés, Moacir Santos, Jobim, Pixinguinha, Chiquinha Gonzaga..."

Caetano Veloso ocupa um espaço particularmente íntimo nesse mapa. "É alguém que eu amo. Faz parte da minha vida. A música dele, a voz dele, estão sempre comigo. Chico também está. Marisa Monte está. Adoro Arnaldo Antunes", diz Trueba, que brilhou no cinema dos EUA, em 1996, com "Two Much", aqui traduzido como "Quero Dizer Que Te Amo", com Daryl Hannah e Antonio Banderas.

A presença de Caetano em "Bajañí" nasceu, curiosamente, de um sonho. O cineasta acordou conven-

cido de que uma canção dos Beatles deveria ser interpretada pelo baiano ao lado de Josele. "Disse à minha mulher: 'Tive um sonho maravilhoso e estranho. Estava filmando Caetano e Niño Josele'. Fiquei pensando naquilo desde que acordei e percebi que fazia muito sentido. John Lennon não sabia, mas aquela canção foi escrita para Caetano. A harmonia daquela canção não é para os Beatles, é para Caetano. Eu a ouvia na minha cabeça. Então propus a Caetano e a Josele que a fizessem."

Sua devoção à música brasileira, contudo, atravessa gerações. "O Brasil é uma potência musical incrível. Adoro Radamés Gnattali, adoro Moacir Santos, Pixinguinha, todos esses grandes mestres. Josele adora ouvir Garoto. E depois há essa tetralogia da MPB formada por Chico, Caetano, Gil e Milton. É um tesouro da música brasileira."

Trueba estende o afeto ao samba-jazz e a nomes como Victor Assis Brasil, Tenório Jr., Paulo Moura e João Donato. Recorda como um dos grandes presentes de sua vida ter interrompido durante dois dias as filmagens de seu projeto sobre Tenório para acompanhar Donato e Paulo Moura gravando juntos num estúdio. "Donato me obrigava a ficar sentado com ele na banqueta do piano. Os dois ficavam conversando e me contando coisas, e o pobre engenheiro de som estava desesperado porque queria gravar. Para mim, estar sentado com aqueles dois mestres foi um dos momentos mais felizes da minha vida."

Em "Bajañí", essa paixão não pretende dissolver identidades numa fórmula de fusão musical. Trueba quer demonstrar que a guitarra flamenca pode dialogar em igualdade com qualquer tradição. "Não se trata de fazer uma fusão, não é uma experiência de laboratório. É orgânico. Josele não deixa de ser ele, o gitano puro-sangue que é, durante um segundo sequer, nem num fotograma. E, no entanto, pode estar fazendo Jobim, Beatles, Johnny Hodges, Ben Webster ou Charlie Haden. O bonito é colocá-lo no lugar onde merece estar."

Depois dessa viagem, Trueba já prepara uma mudança radical de tom. Seu próximo projeto devolve-o à ficção e ao gênero no qual diz sentir-se em casa. "Escrevi uma comédia. A comédia é o meu gênero, de alguma forma o meu habitat. Acontece em 1968, em Madri. Tem muitas coisas da minha infância, mas não é uma película autobiográfica, é uma comédia." O título provisório é "El Mayo del 68 de la Familia Mendieta... até agora". Trueba avisa, rindo, que aquele maio de 1968 não é exatamente o dos livros de História: "Não é o maio político".

San Sebastián encerra sua edição 74 na noite deste 26 de setembro, tendo "Glaxo", de Benjamín Naishat; "Tender Loving Care", de Mike Leigh; "Vincentina Pede Desculpas", de Gabriel Martins; e "KruX", de Tony Vahl, como seus candidatos com mais chances de vencer.

CRÍTICA FILME | VICENTINA PEDE DESCULPAS

POR RODRIGO FONSECA - ESPECIAL PARA O CORREIO DA MANHÃ



Rejane Faria dá aula de contenção dramática nesta que é a melhor produção já realizada pela Filmes de Plástico

Excelência mineira em San Sebastián



Indicado à Concha de Ouro do Festival de San Sebastián, posto que raramente o cinema brasileiro ocupa, “Vicentina Pede Desculpas” se posiciona a léguas de “Marte Um” trabalho anterior, de 2022, de seu realizador, o mineiro Gabriel Martins, que já havia encantado Sundance, Gramado e o circuito nacional, com uma média de público próxima dos 90 mil pagantes. O que fez agora é um assombro de bom. É... de longe... o melhor dos concorrentes de uma competição que corre no mais alto nível.

O novo longa-metragem de Gabito (apelido de Martins) está previsto para estreiar na Netflix no dia 20 de novembro, depois de passar pela competição oficial da *Première Brasil*, no Rio de Janeiro. Esteve antes no TIFF, o Festival In-



O diretor Gabriel Martins e sua protagonista no set de filagens de “Vicentina Pede Desculpas”

ternacional de Cinema de Toronto, onde recebeu um tratamento aquém de sua excelência. Sua atriz principal, Rejane Faria, dá uma aula de contenção dramática. Espanta como seu ferramental cênico é empregado com destreza.

O desempenho de Regiane no papel-título é comovedor, como comprova a onda de aplausos que varreu sua sessão ao término de

148 minutos crepusculares de uma odisseia de perdão. Teve choro na plateia em múltiplas sequências

Trata-se de um ensaio sobre acolhimento e empatia que poderia ser definido, alegoricamente, como o soco no estômago — ao mesmo tempo mais possante e delicado — dado pelo audiovisual brasileiro, tendo Minas Gerais como perímetro e o mundo como horizonte. É

o trabalho de maior maturidade da Filmes de Plástico.

Há que se destacar ainda um elenco de apoio notável, com especial relevo para Maíra Azevedo (como a amiga Joanna), a gigantesca Grace Passô e Giovani Venturini. Rimenna Procópio também aporta vigor à direção de arte.

A trama acompanha uma septuagénaria, Vicentina, com dificul-

dades de locomoção nos membros inferiores, dependente de uma bengala. Caminhando com esforço, ela vai atrás das vítimas de um acidente rodoviário envolvendo seu filho, motorista de um ônibus que despencou de um viaduto.

É na aproximação com essas pessoas, nos encontros e nas conversas sobre as coisas simples da vida, que o filme encontra sua força. Há uma forma de narrar que remete ao cinema do italiano Gianni Amelio, particularmente a seu “La Stella Che Non C’È” (2006), pela maneira como depura estratégias do naturalismo sem jamais cair em curvas de excessos afetivos melodramáticos.

Ainda assim, “Vicentina Pede Desculpas” comove do início ao fim, sobretudo nas sequências em que o olhar de Regiane traduz, com extraordinária economia de gestos, as inquietações da maternidade.

A atriz desponta como um dos nomes de destaque na disputa pelo prêmio de melhor atriz em San Sebastián. Sua composição confere ao filme uma dimensão íntima que ultrapassa a narrativa de luto e transforma a busca da personagem numa jornada de acolhimento, culpa e possibilidade de perdão.

Mais do que um drama sobre as consequências de uma tragédia, “Vicentina Pede Desculpas” é uma narrativa sobre o que permanece depois dela: os vínculos, as perguntas sem resposta e a necessidade humana de encontrar algum sentido quando a vida parece ter perdido qualquer explicação.

San Sebastián termina neste sábado.

A 16ª Flup segue até domingo celebrando Ana Maria Gonçalves

AFFONSO NUNES

O histórico Teatro Carlos Gomes, que já recebeu óperas e concertos, nesta semana é o epicentro Flup, a Festa Literária das Periferias, que entra na reta final de sua 16ª edição que segue até domingo (27), guiada pelo tema “As Filhas das Filhas”, em homenagem à escritora Ana Maria Gonçalves. O evento integra a vasta grade da primeira Semana de Arte do Rio.

A festa foi aberta na quarta pela própria Ana Maria, a primeira mulher negra eleita para a Academia Brasileira de Letras, protagonizou a mesa que dá nome à edição ao lado de Djamil Ribeiro. “De alguma forma, o livro da Ana Maria Gonçalves, homenageada deste ano na Flup, é um romance que fala muito da formação espiritual do povo brasileiro, particularmente da mulher

A arte que vem das periferias

Tânia Régio/Agência Brasil



Ana Maria Gonçalves, a primeira mulher negra eleita para a ABL

brasileira”, diz Julio Ludemir, criador e diretor do festival.

Antes de cada uma das 14 mesas do evento, yalorixás e mulheres de

axé abençoam os debates.

Na grade da reta final, destaques não faltam. Nesta sexta, o Palco Kehindé recebe a mesa “Coleção Fe-

minismos Plurais, uma kizomba do pensamento: poder, amor e fé”, com Adilson Moreira, Carla Akotirene e Sidnei Nogueira, mediação de Dja-

mila Ribeiro. No sábado, Ana Maria Gonçalves e Jurema Werneck entrevistam Kimberlé Crenshaw, criadora do conceito de interseccionalidade, e Gilberto Gil conversa com Duquesa sob mediação de Miriam Leitão, além do tributo aos 80 anos de Conceição Evaristo. O domingo encerra com Antônio Pitanga celebrando o legado de Ubirajara Fidalgo.

A Flup nasceu em 2012, criada por Julio Ludemir e Ecio Salles partindo do princípio de que as periferias não são apenas cenário das histórias brasileiras, mas lugar de pensamento e imaginação. Desde então, ocupou Mangueira, Cidade de Deus, Vidigal, a Maré e o Parque Madureira não somente com literatura, mas várias formas de expressão artística como música, teatro e dança, entre outras. Os números dão a medida da persistência: 200 mil pessoas de público, 37 livros publicados com autores de periferias e convidados de mais de 60 países.

SERVIÇO

FLUP 2026 — 16ª FESTA LITERÁRIA DAS PERIFERIAS

Até 27/9 no Teatro Carlos Gomes, Praça Tiradentes e Salão Guarani
Programação completa: www.vemprafup.com.br | Grátis

CRÍTICA LIVROS | HISTÓRIA DOS VERTEBRADOS

POR OLGA DE MELLO - ESPECIAL PARA O CORREIO DA MANHÃ

Em tempos de desconstrução dos papéis sociais, a dessacralização da maternidade tem sido tema de debates e ensaios que retomam a máxima do padecimento no Paraíso. Um dos raros depoimentos a buscar as contraditórias emoções vividas pelas mulheres é o da catalã Mar Garcia Puig, que, em “A história dos vertebrados” (Bazar do Tempo, R\$ 92), recorda suas impressões do nascimento dos filhos gêmeos, a eclosão da ansiedade no pós-parto, simultâneos a ganhar a eleição para uma cadeira de deputada no parlamento espanhol.

Além de sua própria experiência, Mar Puig apresenta uma detalhada pesquisa sobre a psicose puerperal, que separou mulheres de seus filhos recém-nascidos desde a Antiguidade. As formas de tratamento dos sintomas depressivos e delirantes dessas mulheres mudam ao longo do tempo e raramente se destacam fora da literatura médica. Casos graves atingem apenas a cada duas entre mil mulheres que dão à luz, e, geralmente, exigem internação hospitalar.

A própria autora, com mais de vinte anos de atividade no meio editorial, descobriu a expressão, então chamada de “loucura puerperal”, ao ler os prontuários médicos de Emma Riches, uma jovem mãe inglesa, internada, em meados do

O padecimento e o paraíso

século XIX, no hospital psiquiátrico londrino de Bethlem, a cada nascimento de um filho – teve quatro crianças.

Juntando com relatos que chegam à atualidade, Mar Puig apresenta seu calvário maníaco, alternando preocupação extremada com a saúde dos gêmeos ao júbilo de conviver com as crianças.

A esse descompasso pessoal, junta-se a crise no casamento com o pai dos bebês e os compromissos políticos, agravados pelas acusações de extremismo feminista dos homens no parlamento – mesmo ao comprovar com números o cerceamento feminino pela medicina. As mulheres são a maioria dos pacientes psicanalíticos e as maiores consumidoras de medicamentos psiquiátricos, lembra a escritora. De cada dez receitas de ansiolíticos e outros remédios para estabilização comportamental, oito são para mulheres, informa a Organização Mundial de Saúde. Muitos dos diagnósticos de transtornos mentais femi-



Divulgação

Em ‘A história dos vertebrados’, a catalã Mar Garcia Puig recorda suas impressões do nascimento dos gêmeos, a ansiedade no pós-parto, simultâneos a se eleger para o parlamento espanhol

nos estariam fundamentados pelo controle patriarcal, acredita. Essa combinação de crítica social, história, literatura e vivência pessoal deu a Mar Garcia Puig o Prêmio Cidade de Barcelona de Ensaio em 2023.

A estranheza das alterações no corpo que passa nove meses gestando pessoas e, em um dia, vê seu peso cair brutalmente, assim como a carga de hormônios em mutação rápida, são descritas pela autora ao lado das manifestações psíquicas

que nem todas as mulheres conhecem. A representação feminina da maternidade na arte, destaca ela, é quase sempre sem companhia, as madonas acalentando o filho, Maria com Jesus morto na “Pietà”. Já os homens sempre estão acompanhados de seus pares. A maternidade é angustiante, cansativa e solitária, diz Mar Puig, que, embora tivesse apoio do companheiro e de parentes, sentia-se permanentemente cansada.

Tornar-se cuidadora de outras pessoas repentinamente, ajustar horários de sono e trabalhar pela comunidade – incluindo aí a casa e a família – são funções históricas das mulheres, aponta a escritora, que aponta o cotidiano das mães em outras épocas para mostrar que, apesar da tecnologia de apoio e da evolução da compreensão biológica, o ser feminino tem obrigações que superam as dos homens. A maternagem exaustiva acaba se adequando às tantas outras tarefas das mulheres, que dificilmente rejeitam as crianças, ao contrário. A noção de dever, para Mar Garcia Puig, é demonstrada pela atitude da poeta Sylvia Plath, que, antes de dar cabo da própria vida, deixou leite e sanduíches ao lado das camas dos filhos, a fim de evitar que eles sentissem fome caso a diarista – que os encontrou ilesos – se atrasasse para o serviço.

REYNALDO RODRIGUES
Especial para o Correio da Manhã

O Paranoá recebe, no sábado (26), a XIII Mostra de Diversidade e Cultura Popular do Paranoá, que neste ano tem como tema as “Artes Afro-Indígenas”. A programação ocupa a Casa de Cultura Martinha do Coco, das 14h às 23h, com contação de histórias, feira de artesanato indígena, capoeira, roda de saberes e apresentações musicais. A entrada é gratuita e a classificação é livre.

A mostra integra o projeto Patrimônio Brincante, realizado pelo Instituto Alvorada Brasil, e propõe um encontro entre diferentes expressões da cultura popular e saberes de matriz africana e dos povos originários. A programação também busca aproximar diferentes gerações e valorizar práticas culturais presentes no cotidiano da comunidade.

Criada a partir da atuação da Mestre Martinha do Coco, a mostra chega à 13ª edição mantendo a Casa de Cultura como ponto de encontro para manifestações da cultura popular no Paranoá. Neste ano, a programação coloca em destaque temas como ancestralidade, identidade e território.

Programação

A tarde começa às 14h com uma sessão de contação de histórias comandada por Rego Junior. A atividade é voltada principalmente para as crianças. A partir das 16h, a Feira de Artesanato Indígena permanece aberta até as 22h, com peças produzidas por



Paranoá celebra a força das artes afro-indígenas na XIII Mostra de Cultura Popular

Artes afro-indígenas no centro da atenção

Idealizada por Martinha do Coco, encontro de saberes e batuques exalta a memória viva com entrada franca

povos originários. Às 17h, o Grupo BECA apresenta uma roda de Capoeira Angola. Na sequência, às 18h30, Nayara Tukano e Cristiane Sobral conduzem a Roda de Saberes Afro-Indígenas. O encontro abre espaço para conversas sobre cultura, memória, identidade, território e ancestra-

lidade. A programação musical começa às 20h, com apresentação de Thabata Lorena, do AFRO-DRILL BRASIL, seguida pelo Cortejo Tawá Tingá, da Casa Moringa. A noite termina com Martinha do Coco e Banda, que leva ao palco o coco e a tradição que dão nome à casa de cultura.

A programação terá Guaja como mestra de cerimônia. O evento é realizado pelo Instituto Alvorada Brasil, com apoio da Casa de Cultura Martinha do Coco e da KALI, e fomento da Secretaria de Estado de Cultura e Economia Criativa do Distrito Federal (SECEC-DF).

SERVIÇOS

- XIII Mostra de Diversidade**
- ✦Data: 26 de setembro de 2026
 - ✦Local: : Quadra 28, Conjunto E, Lote 28 – Paranoá, DF
 - ✦Entrada: Gratuita
 - ✦Classificação indicativa: Livre
 - ✦@patrimoniobrincante

Dia de **rock pesado** na Asa Norte

Livraria recebe lançamentos do LP da banda brasileira Violator, e livro Swedish Death Metal, de Daniel Ekeröth

REYNALDO RODRIGUES
Especial para o Correio da Manhã

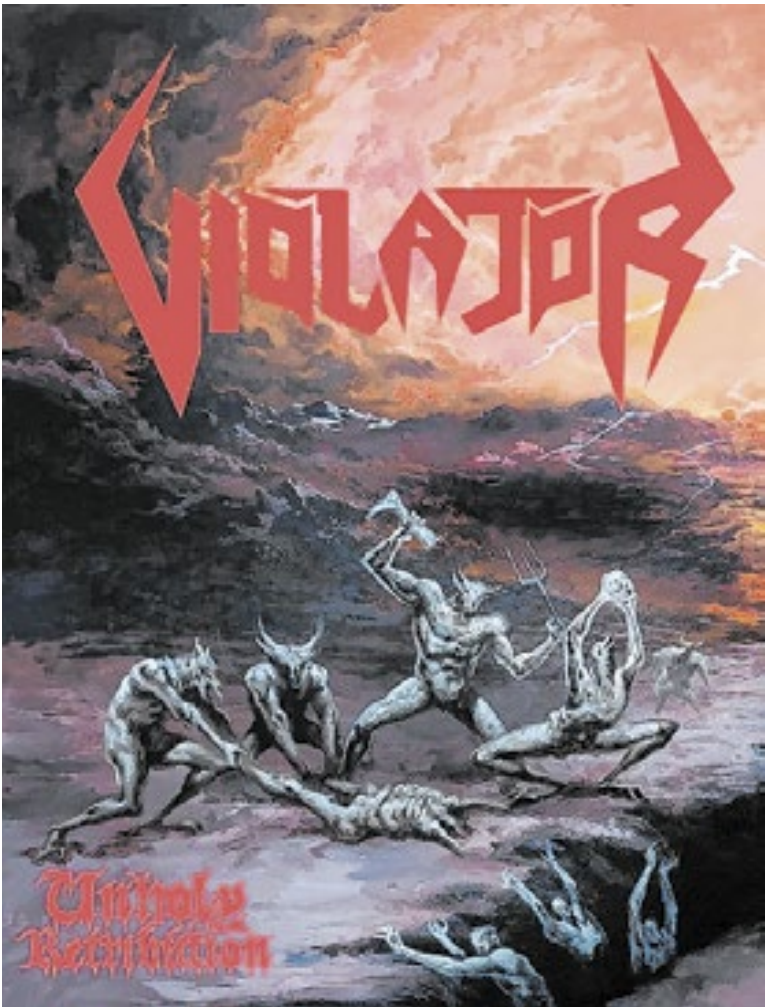
A Oto Livraria, na 302 Norte, recebe em 26 de setembro, das 14h às 18h, o lançamento da edição brasileira de Swedish Death Metal, de Daniel Ekeröth, e do LP Unholy Retribution, terceiro álbum de estúdio da banda brasileira Violator. A programação inclui um bate-papo conduzido pelo jornalista Pedro Brandt com Antônio Roldão, da Kill Again Records, e Pedro Poney, vocalista e baixista do Violator.

Publicado no Brasil em parceria entre MBZ, Kill Again Records e Morbus Zine, o livro reúne 564 páginas sobre a cena de death metal surgida na Suécia. A obra aborda a trajetória de grupos como Nihilist, Dismember, Unleashed, At the Gates, Opeth e Bloodbath. A edição conta ainda com fotos raras, capas de fanzines e cartazes de shows. O livro será vendido por R\$ 150.

Lançamento do vinil

Gravado em Brasília em 2024, Unholy Retribution tem 8 faixas

e produção do belga Yarne Heylen, baixista da banda Carnation. A capa é assinada pelo artista Andrei Bouzikov. O álbum foi lançado em 2025 pela Monstro Discos, de Goiânia, e apareceu em listas de melhores discos daquele ano, entre elas a do canal BangerTV, de Sam Dunn. O LP custa R\$ 200. Formado em Brasília em 2002, o Violator tem trajetória ligada ao thrash metal brasileiro e já passou por países da América Latina, Europa e Ásia. A banda também participou de festivais como Sweden Rock Festival, Brutal Assault, Obscene Extreme e True Thrash Fest. O grupo mantém uma carreira marcada por apresentações fora do país e pela circulação em festivais dedicados ao gênero.



O rock pesado toma conta da loja com bate-papo e lançamentos

Sandra Pêra canta em homenagem a Gonzaguinha

Ana Alexandrino

Artista revisita a obra do compositor em espetáculo dirigido pela filha Amora Pêra

REYNALDO RODRIGUES

Especial para o Correio da Manhã

A cantora e atriz Sandra Pêra chega a Brasília nesta semana para visitar a obra de Gonzaguinha em um show que mistura memória, música e histórias compartilhadas. No dia 25 de setembro, às 20h, ela apresenta no Teatro da Caixa Cultural Brasília o espetáculo “Eu apenas queria que você soubesse – Sandra Pêra canta Gonzaguinha”. A apresentação reúne 17 canções do compositor e marca os 35 anos de sua morte.

Mais do que uma homenagem, o espetáculo parte da relação pessoal e artística entre Sandra e Luiz Gonzaga do Nascimento Júnior (1945-1991). Os dois viveram juntos e tiveram uma filha, Amora Pêra, responsável pela direção do show. O repertório percorre diferentes momentos da produção de Gonzaguinha, passando por canções de amor, questões do cotidiano, conflitos pessoais e críticas sociais.

A seleção inclui músicas como “Com a Perna no Mundo”, “Recado”, “Caminhos do Coração”, “O Que É, O Que É?”, “De Volta ao Começo” e “Eu Apenas Queria Que Você Soubesse”, que também batiza o espetáculo e o álbum lançado por Sandra em 2025 pela gravadora Biscoito Fino. A cantora também interpreta “A Felicidade Bate à sua Porta”, sucesso gravado pelas Frenéticas, grupo do qual fez parte.

O repertório ainda passa por “Grito de Alerta”, “Morro de Saudades”, “Ponto de Interrogação”, “Ser, Fazer e Acontecer”, “Maravida” e “Borboleta Prateada”. A proposta é apresentar as músicas a partir da experiência de Sandra, que combina a interpretação musical com a presença de atriz.

Gonzaguinha morreu em 29 de abril de 1991, aos 45 anos, e deixou uma obra marcada por letras que transitam entre a crítica social e o universo afetivo. Durante a ditadura militar, o compositor teve músicas censuradas e se tornou conhecido também pelas canções que abordavam desigualdade, política, relações



O show “Eu apenas queria que você soubesse – Sandra Pêra canta Gonzaguinha”

humanas e a busca por uma vida mais feliz.

No palco, Sandra será acompanhada por João Bittencourt, no piano e na sanfona; Rodrigo Lima, no violão e na guitarra; Pedro Moraez, no baixo; e Lourenço Vasconcellos, na bateria. A direção musical é de Amora Pêra e Paula Leal. Os arranjos mantêm

as melodias das composições originais, mas incorporam elementos da música instrumental contemporânea.

O espetáculo também terá recursos de acessibilidade, com audiodescrição por meio de notas introdutórias gravadas, interpretação em Libras, acolhimento para pessoas neurodivergentes e

lugares reservados para pessoas com deficiência.

SERVIÇOS

Sandra Pêra em Gonzaguinha

★Data: 25 de setembro de 2026

★Ingressos: R\$ 15 e R\$ 30

★Caixa Cultural Brasília – Setor Bancário Sul

Show de dança contemporânea “Sem Osso”

Solo da bailarina Lívia Bennet, será apresentado de 7 a 12 de outubro em Brasília

Depois de dez anos entre encontros e desencontros de agendas, o projeto que deu origem ao Sem Osso finalmente chega aos palcos de Brasília. O solo de dança contemporânea, interpretado pela bailarina, atriz e professora Lívia Bennet e dirigido por Édi Oliveira, terá seis apresentações entre os dias 7 e 12 de outubro, no Teatro Engrenagem, na 708 Norte. A obra – que faz parte do projeto MECÂNICOORGÂNICO – parte do corpo como matéria central da cena para investigar seus limites, vulnerabilidades e possibilidades de existência diante de uma contemporaneidade cada vez mais atravessada pela tecnologia. Os ingressos já podem ser retirados pelo Sympla.

Inicialmente concebido a

partir da tensão entre corpo e novas tecnologias, o espetáculo tomou outro caminho durante seu processo de criação. Projeções, vídeos e outros aparatos tecnológicos foram deixados de lado para que o corpo da intérprete ocupasse sozinho o centro da experiência. O resultado é uma criação minimalista, em que órgãos, membros, sensações, desejos, quedas e movimentos são utilizados como elementos para questionar as formas convencionais. A obra dialoga com conceitos filosóficos como o de corpo sem órgãos e propõe também a ideia de um corpo sem osso: um corpo capaz de dilatar seus limites, deslocar padrões e experimentar outras formas de habitar a própria existência. A partir de



Elise Milani

Solo da bailarina Lívia Bennet é dirigido por Édi Oliveira

movimentos que atravessam a leveza, a fluência, a convulsão e a queda, Sem Osso tensiona a ideia de um funcionamento orgânico padronizado e investiga justamente aquilo que acontece quan-

do o corpo deixa de obedecer às suas estruturas.

A vulnerabilidade e a perecibilidade também estão no centro do trabalho. A queda, recorrente na linguagem do espetáculo, apa-

rece não apenas como perda de equilíbrio, mas como possibilidade de transformação, resiliência e apaziguamento. Ao abrir mão dos recursos tecnológicos externos, a criação coloca em evidência o próprio corpo como uma tecnologia: imperfeita, sensível, perecível e permanentemente capaz de se reinventar.

As sessões de 7 a 9 de outubro serão às 20h. Nos demais dias, o espetáculo está marcado para começar uma hora mais cedo, às 19h. As sessões dos dias 11 e 12 contarão com intérprete de Libras e audiodescrição. Sem Osso integra uma sequência de trabalhos desenvolvidos por Édi Oliveira entre 2024 e 2026 e chega ao palco após uma década de amadurecimento do projeto.